Padre Cícero Romão

Lívio Sobral

CAP. 3

Seis Confrontos

A verdade é o nosso dever supremo...
e a condição de toda a nossa moralidade.

(Farias Brito)

O padre Cícero é um cruciante ponto de interrogação para quase todo mundo. Nem mesmo os que privaram com ele e com ele viveram, puderam jamais decifrar, inteiramente, sua psique, penetrar o âmago de sua mentalidade, tocar as raizes de sua impar atuação.

Mutatis mutandis, foi ele, perenemente, um objeto de contradição, não somente na região nativa, onde passou toda a vida pública, porem ainda alhures, onde chegou a repercussão de seu nome.

Nele se encontravam as marcas mais disparatadas que costumam assinalar as grandes personalidades. Não era nem um arroio manso e tranquilo, de aguas claras e silenciosas; nem era tambem uma corrente impetuosa e gritante, com imprevistos romansos e cachoeiras. Por que era tudo isto, ao mesmo tempo.

Nele moravam, sob certos aspectos, O Cura d'Ars, Vicente de Paulo, Francisco de Sales e, de mistura, em aposentos mais humildes, porem em esquisita parceria, Eutíquio, Savonarola e Antônio Conselheiro. Foi, exatamente por isto, e continua sendo um enigma para todos quantos procuraram estudar sua descompassada individualidade. Se, para muita gente, foi um santo de primeira agua, para outros foi pouco menos do que um explorador das massas, um *bon viveur*, para quem a moral se resumisse no mais despeado utilitarismo.

* * *

Do Cura d'Ars, teve o zelo da glória de Deus. Zelo que lhe fez passar cerca de treze anos em missão permanente, na humílima ca-

pelinha de Juazeiro. Zelo que o compelia a ensinar, quase diariamente, por uma hora inteira, da tribuna sagrada, o Evangelho ou a teologia católica, a um auditório que o escutava religiosamente e via nele o exemplar vivo das grandes virtudes cristãs. Zelo que o induzia a passar, cada dia, dez, doze, quinze horas sentado no confissionário, onde se operavam pasmosas conversões entre seus penitentes, que eram legião.

Quantas intrigas desfeitas! Quantos casais reconciliados! Quanto lobo transmudado em cordeiro! Quantas quantias restituidas, depois de roubadas! Quanto bacamarte trocado pelo rosário! Quanta preguiça substituida pelo trabalho dignificador!

Ler a biografia do Cura d'Ars é entreler a história do padre Cícero, com ligeiras modificações, nos seus primeiros vinte anos de sacerdócio.

Do Cura d'Ars, ele tinha, igualmente, um zelo de pai extremoso e esclarecido, sem mancha e sem exceção, pela pureza e preservação das donzelas, a começar pelas de obscura condição. E com que prudência, com que recato e solicitude verdadeiramente apostólica, o padre Cícero exercia o sagrado ministério, na direção das consciências!

Conhecedor do bem que se operava em Juazeiro, o primeiro bispo do Ceará, mais tarde arcebispo da Baía, não hesitou em conceder-lhe, a pesar de simples capelão, plenos poderes para operar revalidações matrimoniais, etc., faculdades que só costumam ser conferidas aos missionários.

* * *

Ele tinha tão somente o amor apaixonado da pobreza, que foi, por largos anos, a dama eleita do seu coração. Seu amor a essa virtude se manifestava até no traje — uma grosseira batina de merinó ou de brim, sapatos de lã preta, leito pobríssimo e, na mesa, uma frugalidade nada indigna de imitação.

Este, realmente, foi, diga-se francamente a verdade, o padre Cícero de 1870 até 1890, quando se registraram os seus primeiros desentendimentos com a autoridade diocesana.

* * *

De Francisco de Sales, teve, até a morte, duas das principais características: a mansidão e a pureza. Não era somente essa mansidão vulgar, que reflete apenas um temperamento fleumático e acomodatício. Pelo contrário. Era a mansidão doçura, a mansidão conquista da vontade. Mansidão obtida à custa de indiziveis esforços, para domar o arrebatamento natural. Mansidão amorosa, indulgente e omnímoda, digna do bispo de Genebra.

E que dizer de sua pureza? Vivendo sempre com mulheres, embora vigiado por toda classe de pessoas, levou para o túmulo a mais ilibada reputação, neste escabroso aspecto da existência.

Que olhar sem nuvens! Que recato no lidar com o sexo fraco! Que mortificação na lingua e no trajar! Em tal terreno, tudo nele atingia as cumiadas do heroismo. E o que mais encantava era a espontaneidade das suas maneiras, por mais que variassem, de sexo e idade, em redor dele, as figuras humanas. Todos o encontravam à altura dos votos sagrados e, por tanto, à altura dos grandes confessores da fé, sob este prisma.

Havia ainda dois traços importantes que o identificavam com Francisco de Sales: eram o dom de consolar e aconselhar.

Tenho estado em contacto com diversos homens eminentes na virtude e, particularmente, no exercício do amor ao próximo. Nenhum deles, porem, deparei jamais que excedesse o padre Cícero, no saber consolar e aconselhar. Suas palavras, saidas do coração e embebidas no genuino Evangelho, iam direito ao coração alheio, de cujas amarguras partilhava, por que sabia compreendê-las.

Quem foi jamais, numa grande aflição, falar com o padre Cícero e não voltou transfigurado pela resignação? Aos seus próprios inimigos, nunca recusou o conforto da caridade de Jesús-Cristo. Parece até que se esmerava em prodigalizar, precisamente a eles, os tesouros de sua benevolência sem fronteiras. E, por mais que lhe faltasse o tempo, sempre achava tempo para ir-se regozijar com os que estavam de festa e, especialmente, para ir, em pessoa, sentimentar os que estavam feridos por alguma desgraça. Só deixou de proceder assim quando a vizinhança com os noventa anos lhe enfraqueceu as pernas e a cegueira subsequente o encarcerou em casa.

E que dizer dos conselhos do padre Cícero? Só os desdenhou quem não os ouviu e não os recebeu; ou ainda quem os ouviu de coração prevenido, para ver escuro num ambiente iluminado. E, por mais que o importunassem, roubando-lhe o tempo, nenhuma resposta deu que, em rigor, fosse chocar-se com a moral católica, cujas diretrizes insinuava com invejavel firmeza.

* * *

Não encerrarei este quadro de similitudes sem focalizar a sua paciência, perfeitamente comparavel com a paciência, já proverbial, de Francisco de Sales e Vicente de Paulo.

São Vicente, aos oitenta anos de idade, confessava haver-se irado duas ou três vezes apenas. Pois o padre Cícero poderia dar, de si próprio, idêntico testemunho. E é na sua longanimidade surpreendente que vamos descobrir o princidal segredo de sua popularidade, que fez dele o maior «centralizador de energias» do *hinterland* brasileiro. Quem não viveu perto dele estará longe de avaliar a extensão da profundeza da paciência daquele ancião. E não era um contemporizador com as imposições do meio. Era, pelo contrário, um carater insinuan-

te, intransigente, combativo, em combinação a mais feliz com a amenidade do trato e o jeito de persuadir.

Sabia bater-se por suas idéias e fazia escola. Ninguem ficou junto dele sem lhe sofrer a influência, mesmo quando o impugnava de modo sistemático. E era nele que os adversários mais encarniçados e desleais iam encontrar defesa e refúgio, cada vez que eram chicoteados pela má sorte. Ganhou assim muitos corações para a Religião e, mais tarde, para o seu partido político. E se, excepcionalmente, chegou a exprobar a deslealdade de inimigos que iam bater-lhe à porta, não consta que haja perdido, uma vez sequer, a serenidade própria de um pai. Tanto é isto mais digno de nota quanto é sabido que ele viveu quarenta anos de vida atribulada, já no campo religioso, já no *mare magnun* político.

* * *

Vamos aos fatos.

Em 1931, achando-me em Juazeiro, fui, como de praxe, fazer uma visita ao padre Cícero, que estava acamado.

Lá cheguei pelas nove horas da noite e o encontrei na alcova vizinha à sua sala de frente, cercado de pessoas amigas, uma das quais lia para ele um livro de espiritualidade. Isto, aliás, não era mais do que o seu normal de homem de oração, apaixonado pelo Ofício Divino e pelo rosário, que recitava, na íntegra, todos os dias.

Como vinha dizendo, lia-se, na alcova iluminada, um livro de espiritualidade. O sorridente enfermo, de sua alva rede, escutava o capítulo do dia no mais contente humor, enquanto, lá fora, na calçada, a três metros de distância, nada menos de dez pessoas gritavam para dentro, reclamando, cada uma, em tom suplicante, o que viera alí buscar.

Desafeito àquele martírio, aproveitei uma pausa e perguntei ao padre por que não mandava calar aquela gente, lá fora, até o fim da leitura. Convinha lembrar-se que se achava doente e carecia repousar.

Pois querem saber a resposta que me deu ?

— Deixemos em paz os meninos, disse ele. Eu até já sinto falta quando não estão gritando.

* * *

De Eutíquio, possuiu a temeridade de sustentar, sem vacilação, uma opinião teológica indiscutivelmente arriscada e havida por todos como ortodoxa. E, a despeito do clamor suscitado, em torno dele, por bispos e teólogos respeitaveis, persistiu no apego à sua tese, convencido da justiça de sua causa. Contrariamente ao monge oriental, manteve-se, todavia, em respeitoso silêncio; e protestou, sempre, sua

incondicional obediência ao Papa, falando *ex-cathedra*, e para o qual apelara, afirmando depor, nas mãos do mesmo, o seu individualismo eclesiástico.

* * *

De Antônio Conselheiro, teve o messianismo restaurador. Enquanto este suspirava pela volta da monarquia, vendo na república o dedo do Anticristo, o padre Cícero era fascinado pela idéia de uma nova redenção da espécie humana, mediante o sacrifício sanguinolento da Eucaristia, no seu Juazeiro. Como Antônio Conselheiro, ele se caracterizava pela austeridade monástica, o tom profético, a mansidão sem azedume, a certeza de sua carreira messiânica, a simplicidade de modos, o desprezo inicial dos bens de fortuna, o ascendente sobre as massas, o ardor guerreiro na defesa de sua gente.

Que mais ainda ? Tinha, outrossim, o fraco de se considerar perseguido, o pressentimento do próprio martírio, a irredutibilidade em seus propósitos e, em alto relevo, a passividade complacente ante as multidões genuflexas, querendo enxergar nele uma espécie de divindade. Mas, em lugar do semblante sombrio do tuxaua de Canudos, em lugar do temperamento movediço que fazia deste último um peregrino perpétuo, o padre Cícero foi, até o fim, um sedentário impenitente e um conversador jovial, cheio de risonho e contagioso otimismo.

* * *

De Savonarola, herdou a coragem das próprias convicções ; o empenho de reeditar, no Brasil, o fervor e a pureza da Igreja primitiva ; o desejo ardente do martírio ; a simplicidade na pregação. Herdou ainda os pendores políticos, tendo em mira a salvaguarda de seu povo ; a popularidade adquirida, não à custa de lisonjas, e sim em vista de seu espírito de sacrifício, de sua caridade, de sua franqueza em condenar a imoralidade e a opressão.

De frei Jerônimo de Savonarola, ele tinha tambem o aferro irredutivel às próprias idéias, aferro esse que lhe parecia uma virtude primária, pois estava persuadido de ser um predestinado, extraordinariamente assistido pelo Altíssimo e vindo à luz na América, para formar um povo escolhido, que realizasse o gigantesco sonho de Anchieta e Pio IX.

E foi nesse sentimento inabalavel que encontrou o arrecife fatal da própria carreira, quando estava naturalmente fadado a ser um dos mais avantajados missionários católicos dos últimos tempos.